

Comércio exterior Maior aumento das vendas brasileiras no 1º semestre, vizinho perde fôlego com dólar escasso

Crise argentina sinaliza queda de exportação

Marsílea Gombata
De São Paulo

O recrudescimento da crise na Argentina deve respingar no Brasil, com previsões negativas para o comércio exterior entre os países. Frente à escassez de dólares que a economia argentina enfrenta, a perspectiva dos analistas é de redução de 20% do volume das vendas brasileiras ao vizinho nos próximos meses.

Em junho, o Brasil exportou US\$ 1,5 bilhão (FOB) para a Argentina, uma alta de 55,1% na comparação com o mesmo mês do ano passado. Em volume, as vendas para o Brasil foram 31,3% maior do que em junho do ano anterior.

No primeiro semestre, o Brasil exportou US\$ 7,5 bilhões para a Argentina, ante US\$ 5,6 bilhões da primeira metade de 2021, crescimento de 33,3%. Em volume, tratou-se de alta de 12,4%. O Brasil hoje responde por quase 20% das importações da Argentina e pelo terceiro maior déficit comercial do país, atrás da China e dos EUA.

No acumulado do ano até junho, o maior crescimento das exportações brasileiras foi para a Argentina, com alta de 12,4%. As importações totais da Argentina cresceram em junho 44,6%, devido à alta de 26,4% dos preços e de 14,6% do volume, segundo a consultoria ABeceb, atingido recorde histórico

de US\$ 8,5 bilhões. Esse cenário, contudo, não deve se manter.

“A tendência era de aprofundamento do déficit comercial com o Brasil, mas não devemos ver isso até o fim do ano”, afirma Soledad Pérez Duhalde, diretora da consultoria ABeceb, em Buenos Aires. “A perspectiva é que isso se reduza por causa das restrições às importações. Vamos importar menos e continuar exportando o mesmo.”

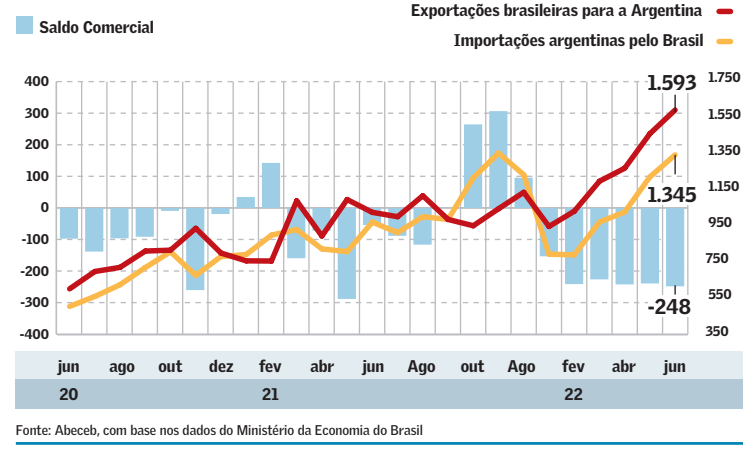
Segundo a economista, esse cenário indica que a Argentina terá de conduzir a relação bilateral com o Brasil com cautela para administrar seu balanço de pagamentos. “Hoje claramente não há uma boa relação. Vai depender do que ocorrerá nas eleições de outubro”, acrescenta. “Além disso, preparamos que o Banco Central da Argentina estenderá as restrições. Portanto, não é um problema que se resolve no curto prazo.”

Relatório da ABeceb mostra que a corrente de comércio entre os países chegou a US\$ 2,9 bilhões em junho. A cifra é a mais alta para junho desde 2013 e representa crescimento de 46,8% na variação interanual. O déficit da Argentina com o Brasil ficou em US\$ 248 milhões (ver gráfico), pelo crescimento de 55% das importações ante alta de 38,2% das exportações.

Dentre os principais produtos vendidos para a Argentina em ju-

Comércio bilateral deve sofrer novo revés

Em US\$ milhões



Fonte: ABeceb, com base nos dados do Ministério da Economia do Brasil

nhos estão combustíveis de petróleo e minerais betuminosos, veículos de passageiros e autopeças.

“As exportações do Brasil para a Argentina deram um pulo maior em junho. Houve crescimento forte em bens de capital, onde entram veículos que não são automóveis, cujas vendas cresceram 47,5%, e de bens duráveis, que tiveram crescimento de 54,5%”, afirma Lia Valls, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre). “Mas a crise se acentuando pode começar a reter isso.”

A perspectiva é que o volume das exportações brasileiras para a Argentina caia 20% por conta da

crise no país vizinho, afirma José Augusto de Castro, presidente-executivo da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB).

Ele afirma que medidas de restrição cambial devem ter efeito sobre as vendas do Brasil e lembra que o setor automobilístico representa 40% das vendas brasileiras ao vizinho, seguido por calçados, que respondem por 1%.

“Estimo que as restrições alcancem 20% das exportações do Brasil para a Argentina e do restante do mundo para a Argentina. Mas só vamos saber isso em dois ou três meses, quando as estatísticas começam a aparecer.”

Castro argumenta que a crise

pode ser oportunidade para o Brasil recuperar espaço no mercado argentino. “Estamos acostumados com atraso de pagamento, enquanto um fornecedor europeu ou americano pensará duas vezes antes de vender para a Argentina.”

Andrés Borenstein, da consultoria Econviews, afirma que o BC argentino tem hoje US\$ 40 bilhões de reservas brutas e US\$ 3 bilhões de liquidas, ou seja, que excluem depósitos compulsórios, ouro e swap. “As exportações vinham voando, mas de julho em diante a história muda um pouco”, diz.

A Argentina não tem de onde tirar mais dólares, diz Soledad. O governo vem tomando medidas tentando conter as importações e para promover as exportações. “Mas não há mais taxas e cepos (controle cambial) aos quais pode recorrer”, diz. Ela afirma que a crise é distinta da de 2018, porque hoje há menos margem de manobra.

No fim de junho, o Banco Central endureceu controles cambiais e anunciou a diretriz A7532, que dificulta o acesso a dólares a importadores, ao impor teto equivalente a 5% superior à média importada por mês em 2021 ou 70% superior à de 2020. Compras de energia e medicamentos ficam isentas. A medida foi anunciada para frear o que a vice-presidente Cristina Kirchner cha-

mou de “festa das importações”.

Hoje o empresário na Argentina tem que ultrapassar três obstáculos para poder importar, diz Fernando Furci, gerente geral da Câmara de Importadores da República Argentina. Além da questão cambial, há uma lista de requisitos administrativos e financeiros.

“O ritmo do comércio nos próximos meses pode sofrer desequilíbrios, e não apenas com o Brasil”, diz. A diferença é que efeitos com o Brasil aparecem rapidamente, diz. Com a União Europeia pode levar 40 dias, com a China, 60, diz. Mas com o Brasil é quase imediato, pois o transporte é rápido.

Ele conta que as expectativas do empresário argentino hoje não são boas, e isso gera incerteza.

“Estamos atravessando uma das piores fases. Os empresários não sabem qual vai ser seu custo de reposição, se haverá reposição, como se moverão financeiramente no futuro. Por isso tomam posições conservadoras, revisando preços, cuidando de estoques, buscando ferramentas financeiras para comprar no exterior”, diz, ao lembrar que 86% do que a Argentina importa vai para a indústria. “Esses desequilíbrios têm efeito na produção e quem acaba pagando esses custos são os argentinos.”

Mais sobre Argentina na página A18

Confiança do comércio cresce pelo 4º mês, aponta CNC

Alessandra Saraiva
Do Rio

Uma combinação de retomada de consumo, reprimido devido à pandemia, com pagamento de rendas adicionais do governo à população, levou à alta de 1,5% em julho ante junho, no Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec). Anunciado ontem pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turis-

mo (CNC), o aumento foi o quarto consecutivo ante o mês imediatamente anterior. O indicador subiu para 123,1 pontos. Na comparação com julho do ano passado, o avanço no indicador foi de 14,2%.

Para a economista Izis Ferreira, responsável pelo indicador, o pagamento do auxílio pode continuar a favorecer o consumo no varejo, bem como o humor do consumidor, nos próximos meses. Mas alerta: também em julho, a pers-

pectiva de continuidade de inflação pressionada, juros altos, câmbio volátil em período de eleições levaram ao recuo das expectativas do empresário do varejo, pela primeira vez em três meses, no Icec.

Ela observou que nas respostas sobre momento presente, o saldo é positivo. Isso é perceptível nos três principais tópicos usados para cálculo do Icec. As condições atuais subiram 4,7% no período, para 106,4 pontos, com alta de 30,6%

ante julho do ano passado; já as intenções de investimento subiram 1,7% em julho ante junho, com aumento de 14,6% ante julho de 2021, para 110,9 pontos. Contribuíram para tal cenário as rendas adicionais lançadas em ações do governo, como foi o caso do aumento do valor do Auxílio Brasil, para R\$ 600.

Em contrapartida houve recuo de 0,5% em expectativas, terceiro principal tópico, em julho ante junho, para 151,9 pontos — embora com

alta de 4,7% frente a julho de 2021.

Mesmo que tenha reiterado que o auxílio do governo continuará a favorecer o consumo, a técnica ponderou ser preciso ver também impacto do ambiente macroeconômico, nas intenções de compra. Esse aspecto também é acompanhado pelo varejista, que visualiza vários pontos de incerteza nessa área, como inflação, juros e câmbio. Isso acabou por influenciar recuo nas espec-

tativas, dentro do Icec, afirmou.

O segundo semestre conta com datas importantes de vendas para varejo, como Black Friday e Natal, lembrou. Também se terá Copa do Mundo, o que sempre favorece compras de duráveis, como TVs, acrescentou. Para ela, é preciso saber real influência dessas forças: de um lado incertezas; de outro, eventos que estimulam compras no setor. Isso definirá trajetória futura do Icec e a tendência no índice.

Vacinação infantil anticovid é segura, dizem médicos

Rafael Vazquez
De São Paulo

Com a recente aprovação da Coronavac para crianças entre 3 e 5 anos, dois desafios principais se colocam no cenário. O primeiro é a disponibilidade das vacinas. O Ministério da Saúde não antecipou o pedido de compra ao Instituto Butantan e o estoque de 1,2 milhão de doses dos Estados é muito menor do que o novo público, estimado em 5,6 milhões que precisarão de duas doses. O segundo problema à vista é o receio de muitos pais e mães que não se sentem seguros para vacinarem seus filhos contra a covid, uma questão que preocupa pediatras e infectologistas. Quem entende do assunto garante que a vacina é segura e orienta que a ameaça à saúde das crianças é a doença, e não o imunizante.

“A Coronavac cumpriu todos os rituais antes de ser liberada e os eventos adversos na população pediátrica são menos frequentes do que em adultos e adolescentes. Menos dor, menos febre”, comenta o pediatra e diretor da Sociedade Brasileira de

Imunizações (SBIIm), Renato Kfour. “Não há razão para temer. Nunca se teve uma experiência tão grande com uma vacina como está acontecendo com os imunizantes contra a covid. São quase 12 bilhões de aplicações em todo o mundo e essa experiência de dois anos e meio só confirmou a segurança que os estudos mostraram anteriormente”.

André Scarpitta, que trabalha em uma corretora do mercado financeiro e é pai de uma menina de três anos, disse que tem receio porque sua filha apresentou reações mais fortes do que o comum após tomar outras vacinas. “A Lorena sempre teve reações bem fortes com todas. Considerando as reações que nós [ele e a esposa] tivemos com a da covid, essa é a nossa preocupação em não levá-la no primeiro momento”. Outro fator que o leva a não considerar a vacinação da filha com urgência é a crença de que o contágio e os sintomas na idade dela são menos preocupantes.

Contudo, Kfour esclarece que a covid é de longe a doença que mais tem matado crianças até cinco anos na comparação com

outras doenças que são prevenidas com vacinas, como meningite, sarampo, rubéola, entre outras do calendário pediátrico. Além disso, a possibilidade de contágio de covid entre crianças e adultos é a mesma.

Segundo uma lista de especialistas em saúde infantil coordenada pelo Ministério da Saúde, 1.508 crianças de até cinco anos morreram por covid em 2021 e 2022, enquanto as doenças que compõem a Lista Brasileira de Mortes Evitáveis somaram 44 no mesmo período. Entre 2012 e 2021, o total foi 498 mortes. Ou seja, em dois anos, a covid matou o triplo de crianças de até cinco anos do que todas as outras doenças vacináveis.

“Tenha medo da doença. Ela tem mostrado impacto muito grande nas crianças. Embora os casos de hospitalizações e mortes sejam menos frequentes do que em adultos, ela não é negligenciável”, orienta o pediatra. Para ele, as campanhas de negacionistas que espalham mentiras sobre as vacinas têm feito com que muita gente não preste atenção às informações que realmente importam e fazem pais serem

incoerentes ao ponto de não vacinarem os filhos enquanto eles próprios já estão protegidos.

Nesse sentido, crítica o Ministério da Saúde citando o caso do ministro Marcelo Queiroga, que chegou a visitar uma menina que apresentou reações à vacina exagerando algo considerado normal, e lembra que o presidente Jair Bolsonaro reitera frequentemente que não se vacinou. “Tentaram boicotar a vacina em todas as idades, mas quando chegou nas crianças, os tesouros dos pais, fica até mais difícil de competir”, declara Kfour.

Outro pai que conversou com o Valor disse que não pretende vacinar a filha porque a esposa possui uma doença rara autoimune e chegou a ficar internada após se vacinar contra a covid por reação ao imunizante, segundo ele. O receio é o de que a criança tenha o mesmo gene e apresente reação adversa grave.

A professora da Universidade federal do Espírito Santo Ethel Maciel, que é PhD em epidemiologia, diz que casos de reações graves à vacina são raros e, embora um acompanhamento mais próximo seja bem-vindo



A epidemiologista Ethel Maciel: casos de reações graves à vacina são raros

nessas situações, a chance da criança ser contaminada por covid e ter sequelas de longo prazo são maiores.

“Quando falamos em bilhões de doses, é normal alguém apresentar evento adverso. Isso acontece com qualquer medicamento, mas é um percentual muito pequeno, e esperado”, diz a epidemiologista. “Porém, quando se

trata de estratégia de saúde coletiva, os benefícios são imensamente superiores. A chance da criança se infectar com covid numa pandemia e ter uma infecção, com possibilidade de sequelas da chamada covid longa são maiores do que ter a mesma reação da mãe. A vacinação é a melhor forma de proteção”, conclui Ethel Maciel.

Vacina é Saúde



PATROCÍNIO

